

Diálogo Inter Religioso e Saúde

Iraci Lopes Dalla Rosa

1- Iniciamos nosso curso, com a história do CESEEP que nasceu na ditadura, num contexto de opressão. E, Busca formar pessoas com compromisso e bravura, que com sonho e utopia, de construir mundo novo busquem novos caminhos e lutem contra a dominação.

2- Por causa da pandemia, o curso foi online, com participação de rica diversidade em gêneros, crenças e etnias, com culturas diferentes vindas de vários estados do Brasil, de norte a sul. Também se fizeram presentes representantes de Cuba, Equador e Argentina, compondo o rosto diverso da América Latina.

3- O método de Paulo Freire de Educação Popular vivenciado no curso veio logo nos mostrar, que todos têm saberes e a partilha enriquece, pois somos inacabados seres em construção. Também somos políticos ninguém é neutro, todos temos posição.

4- Com o verbo esperar veio nos dar esperança. Para transformar o mundo temos que dialogar, num clima afetuoso com respeito e abertura. Só quem ama a humanidade tem diálogo verdadeiro, pois sabe o outro escutar e unindo sonhos e utopias novo dia faz raiar.

5- Para as rodas de conversas cinco grupos se formaram, para partilhar a vida, os temas apresentados e as dúvidas que ficaram. A alma foi derramada neste espaço de comunhão, cada um com seus olhares trouxeram as realidades pisadas em cada chão.

6- No panorama das religiões com rica diversidade constatamos que o que temos de semelhante é maior que as diferenças. Todas as religiões têm proposta de vida para nos tornar melhores. Com ritos, símbolos, sons e danças expressam suas crenças iluminando caminhos para uma boa convivência.

7- Todas têm regras de ouro que ditas em outras palavras: É não fazer para os outros o que não queremos que nos façam. Também todas almejam diálogo com respeito. E pregam atitudes sublimes para dissipar toda a dor e servir com alegria fazendo com que a justiça abrace a paz com amor.

8- Vimos as diferenças das religiões politeístas com várias divindades e das monoteístas na essência patriarcais, que acreditam num Deus único, masculino e verdadeiro, que é Criador e Pai. Diferenças que causam no mundo: conflitos, tensões e preconceitos fatais.

9- Percorremos o processo, para chegar ao monoteísmo por interesses de grupos que estavam no poder. Em Judá foi com Josias que avança a instauração e não foi coisa tranqüila, houve muita perseguição. Deusas foram expulsas, destruídos santuários de El, Baal e Asherah. Assim, tornou-se Javé, Deus único e verdadeiro na religião oficial.

10- Mas, como matar a mãe, destruir o feminino, negar a fertilidade ficar só o masculino? Então, no lugar de Asherah, Israel de Javé se torna esposa, jurando fidelidade. Nada mais de outros deuses que foram demonizados. Destronaram a Deusa Mãe e submeteram a mulher a uma dura servidão que atravessou séculos e ainda está em ação.

11- Também em textos da Bíblia, quem lê por trás das palavras encontra o feminino em Deus: mãe que não esquece dos filhos, que cuida com muito amor, Deus em dores de parto, galinha que sob as

asas acolhe pintinho seus. A divindade feminina não morre presente nas tradições e mesmo no Cristianismo Maria é Mãe de Deus.

12- Também bebemos na fonte das tradições ancestrais. Quanta sabedoria nos povos originários e de matriz africana. É um poço muito profundo e ao partilhar as histórias reconhecemos memórias que vem lá da nossa infância, ou de arquétipos gravados em nosso inconsciente que com as falas e sons verteram de nossas mentes.

13- Filhos da mãe natureza, ligados no mesmo espírito da divindade Ruah, que nos agrega e irmana entendemos Ubuntu, porque “Somos todos um” e também Manaste, lembrando que a divindade, que está presente em mim está também em você.

14- Percebemos que somos retalhos da grande história universal. Alguns novos outros velhos, coloridos ou bordados, mas todos, porém, carregam nestes pequenos pedaços, a memória de sonhos e lutas com um brilho todo especial e juntados uns nos outros formam o conjunto integral.

15- Alguns trazem em seu bojo conhecimentos ancestrais, de povos indígenas e afros, passados de pais pra filhos por uma tradição oral. São saberes de vida e cura para corpo, mente e espírito resgatados nos terreiros com Mães e Pais de Santo, Encantados e outros mais.

16- Há os rotos nas batalhas que tiraram a harmonia, com massacres onde tombaram descendentes destas terras, que derramaram seu sangue lutando por territórios que não são mercadoria; são os redutos sagrados que dão vida à nossa história.

17- Também tem os cobertos de luto que vieram do além mar, apartados das famílias em condições desumanas, nos conveses de navios, presos para serem escravos nos engenhos e fazendas por quem pudesse comprar; sem direito a dignidade, a conviver com a família e sua crença professor.

18- Outros contam as injustiças sofridas e como com força lutaram, unidos na resistência; organizando quilombos, casas e terreiros como guardiões da cultura, das crenças e das esperanças que não querem silenciar. Num grito por liberdade, pelo direito a igualdade que ninguém pode negar.

19- Adentrando o mundo encantado dos povos originários a partir dos Kaiowá e depois com os Xukuru, nos embebemos de emoções e ricos ensinamentos das tradições e das práticas de sabedoria milenar. Na luta por territórios defendem a sobrevivência e também a identidade, pois vivem tão integrados que é impensado viver sem os recursos das matas e a riqueza dos cerrados.

20- É rica a simbologia dos povos originários além de rezas e ervas que buscam alcançar a cura; a palavra, que move e comove; o som, presente nos seres; maracás, que trazem vozes; pássaro, expressão da alma; a flor, enfeite que anima; viagens imaginárias voando com os cantares, tudo em seus rituais e usados nas terapias tem forte significado buscando a cura dos males e fortalecer a utopia.

21- A concepção de mundo é a grande diferença entre as culturas indígenas e as ocidentais. Enquanto os povos originários sentem-se parte da natureza e dela são dependentes, para se fortalecer. As culturas ocidentais consideram-se superiores, e acreditam poder usá-la conforme seu bel prazer, sem se importar se com isso a biodiversidade morrer.

22- Os indígenas lamentam ver que a terra está morrendo e com ela suas culturas enfraquecendo os rituais e as ervas para curas. O capitalismo selvagem usurpa seus territórios e se alimenta com o lucro, enquanto os povos na luta exigem demarcação enfrentando com a vida o sistema de opressão.

23- Nas mesas que se formaram todos com grande saber, falaram da realidade que hoje estão a viver. E, do coração brotaram palavras com emoção, pelas violências sofridas e pelo amor aos saberes das tradições ancestrais, sementes que são guardadas de geração em geração, como herança e energia que um dia brotarão.

24- Das tradições ancestrais de matriz Africana, pisamos vários terreiros de candomblé e Umbanda bem como das Santerias, conhecendo Mães e Pais de Santo e também os Orixás; Tradições tão perseguidas, hoje como antigamente, por grupos fundamentalistas que ao lado do mal as vêm. São até demonizadas quando só pregam o bem.

25- Há muita diversidade nas religiões de matriz Africana, mas há um lastro que as une: a experiência da histórica de esmagamento, de sangue e perseguição; o canto, a dança, os instrumentos com os seus belos sons; o culto a mãe a natureza grande templo de beleza que só nos dá frutos bons.

26- Todas têm na tradição o cuidado com os doentes, não fazer discriminação, acolher com amorosidade todos os necessitados sem lhes fazer distinção; educando com respeito pela tradição oral, ensinando amar a tudo e a ninguém fazer o mal.

27- Também está nos ensinamentos que somos terra, água, fogo e ar; filhos da natureza que nos acolhe e alimenta e para onde vamos voltar; viver em comunidade pois somos irmãos e irmãs independente da crença, por isso não deve reinar entre nós as desavenças.

28- Na comunidade familiar, vivida nos terreiros e casas, chamar Pai é chamar uma história como herança sagrada recebida de ancestrais, que ilumina os caminhos com a luz tão necessária para transformar este mundo em justiça, amor e paz.

29- Cuidar da saúde: matéria, mente e espírito, no diálogo com o sagrado inclui defender a Mãe terra; cultivar a natureza; dialogar com a agroecologia, para ter alimentos saudáveis, que dão força e energia; plantar árvores nativas e plantas medicinais que curam como magia...

30- A umbanda e a Santeria, com um perfil mais sincrético com diversas tradições, e também o candomblé em seus rituais sagrados buscam curar e transformar as vidas necessitadas, com ajuda de orixás, de médiuns e entidades. Sempre com um princípio de não fazer julgamento tratando todos e todas com respeito e igualdade.

31- Em todas vimos dizer sobre a cultura da paz e da satisfação no servir; o zelo pelas raízes da história da qual fazemos parte; a paciência na educação ensinando com arte, o caminho sagrado que nos deixaram como herança os conhecimentos gravados na história dos ancestrais.

32- Diante da diversidade de tantas religiões e saberes, embora com nomes diversos e ritos tão diferentes, cultuemos a bondade que nos faz ser sempre mais. Cuidemos da natureza, que é nossa própria vida e o que também é essencial: sem alimentar preconceitos por diferenças banais.

33- Vivemos tempos sombrios com sérias realidades, uma pandemia que afeta toda a humanidade; a destruição da natureza, com conseqüências letais, caminho que nos leva à uma auto destruição.

Precisamos unir nossas forças, para buscar a luz, com nova espiritualidade que mova a humanidade em práticas de cuidado, respeito, amorosidade e também com compaixão.

34- Vimos chover muitas graças, com ações de solidariedade, em tempos de pandemia; plantando sementes de vida, para florir espaços, onde a dor fez em pedaços, tantos corações. E, o CESE ouviu os gritos e agiu para dar um jeito, com ações que vem em socorro, para o povo libertar com promoção de direitos.

35- Gratidão, Cecília e a coordenação ampliada que com empenho construíram este curso a muitas mãos, que na avaliação foi louvado; também as assessorias mestres, sábios e sábias com carinho e com amor; junto com os participantes ficarão todos guardados na memória afetiva por ter encontrado na vida, tantas pessoas queridas buscando ser comunhão.

36- Ao terminar o curso num grande mutirão, construímos um manifesto que de todos teve adesão, com compromisso em defender a vida e os direitos humanos; com apoio aos movimentos; aos povos originários; contra o racismo; os ódios e preconceitos; buscando a cultura da paz; vivendo a espiritualidade encarnada, do revolucionário profetismo que com ternura se faz.

37- Também defendendo a mãe terra que está ameaçada; criando projetos de saúde com plantas medicinais; buscando políticas públicas que visem o bem comum e educação libertadora que forje sujeitos construtores da história com compromisso e ação, que lutem por liberdade, por diálogo na diversidade, respeito e compaixão.

38- O encerramento foi festivo, numa noite cultural. Artista se apresentaram com poesias, cantos e símbolos, beleza que brotou da alma, pela experiência vivida, que transformou nossas vidas com ação e reflexão. Gratidão ao CESEEP! Faremos a sementeira, com compromisso e bravura para transformar este mundo, num espaço inclusivo, de igualdade, paz e união.

Xaxim, 28 de julho de 2021